

A POESIA E AS LUTAS DO MOVIMENTO SEM TERRA: PERCURSOS QUE SE ENTRELAÇAM NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

GABRIEL BARCELLOS NUNES; VANIA GRIM THIES²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrieljornal@gmail.com

²Vania Grim Thies – vaniagrims@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Morreu para quem não percebe/ Tanto broto renascendo/ Debaixo das lonas pretas/ Nos cursos de formação/ Ou seja, no assentamento quando se canta uma canção/ Ou num instante de silêncio/ Oziel está presente/ Porque a gente sente/Pulsar o seu coração” (Zé Pinto, 2002). A introdução deste trabalho traz um poema sobre Oziel Alves Pereira, morto aos 17 anos no Massacre de Eldorado dos Carajás¹, na qual as letras são utilizadas para mantê-lo vivo na memória dos que também lutam pela terra e por dignidade.

Os movimentos sociais utilizam da poesia, da música e das místicas como forma de resistência. São as letras integrando a luta. Na questão agrária, Gasparotto e Teló (2021) afirmam que a concentração da propriedade da terra no Brasil gera pobreza, desigualdade e violência contra as comunidades tradicionais e os trabalhadores rurais. Ao longo da história brasileira, diversos movimentos lutaram pela terra, entre eles, indígenas, quilombolas, agricultores familiares e os sem-terra, que fundaram o principal movimento neste sentido, o Movimento Sem Terra (MST), em 1984.

Neste texto refletimos algumas relações que se estabelecem entre os movimentos sociais de luta pela terra, neste caso mais específico, o MST, a poesia, a literatura e as letras de um modo geral, e como estes assuntos se entrelaçam com a proposta da Educação do Campo.

O presente trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “A Educação do Campo e a leitura literária em um território camponês de lutas e desafios: uma experiência escolar em Piratini (RS)”, defendida em 2023, sob orientação da professora Vania Grim Thies e desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales)², da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

2. METODOLOGIA

A dissertação tratou-se de uma pesquisa participante que buscou estabelecer a relação entre os territórios de luta pela terra e a leitura literária, através da vivência em um projeto da Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto, um educandário do campo localizado na zona rural de Piratini e que atende estudantes de 14 assentamentos da Reforma Agrária, cinco comunidades quilombolas e dezenas de comunidades de agricultores e pecuaristas familiares. Neste texto trazemos um recorte bibliográfico, poético e vivencial da teoria que embasou a pesquisa de dissertação.

¹ No Massacre de Eldorado dos Carajás ocorrido no dia 10 de abril de 1996, dezenove sem-terra foram assassinados.

² Mais informação sobre o Hisales no site (<https://wp.ufpel.edu.br/hisales/>), nas redes sociais (Facebook: Hisales, Instagram: @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As leituras, os debates, as cantorias e as poesias sempre estiveram integradas às lutas do MST, muitas vezes como forma de denúncia e de reflexão, assim como o poema “Oziel está presente” e as místicas que abrem as reuniões e eventos do movimento. Bogo (2002, p. 10) lembra que os poemas mostram a beleza que há nos labirintos da nossa existência: “se o mundo fosse um jardim, a poesia seria o perfume saindo das flores”. Já Stedille (2002), defende a poesia como a arte de revelar com palavras aquilo que é e deve vir a ser a realidade, ressaltando que no MST a poesia é mais do que arte, mas uma forma de animar os passos na busca da terra e ainda afirma que a poesia conta as tragédias daqueles que caem sobre a ‘terra dos outros’, como se não tivessem pátria, nem destino, além de inspirar a resistência, alegria as conquistas e indicar onde está a linha do horizonte. Freire (1967, p. 109) reforça a importância da poesia do povo e das lutas: “cultura é a poesia dos poetas letrados de seu País, como também a poesia do seu cancionero popular”.

Quanto à relação das letras com os movimentos sociais, Petit (2009, p. 69) afirma que ao tomar a palavra, é permitido uma união de “homens e mulheres que não tinham voz e não aguentavam mais outros falando em seu lugar”, não deixando o monopólio do sentido e das narrativas nas mãos dos poderosos. A Canção da Terra é um exemplo de difusão escrito-poética da mensagem de luta: “[...] Mas, apesar de tudo isso/O latifúndio é feito um inço/ Que precisa acabar/ Romper as cercas da ignorância/ Que produz a intolerância/ Terra é de quem plantar [...]”. (Munhoz, 2023).

Para Stedille (2012), a Reforma Agrária Popular defendida pelo Movimento Sem Terra compreende um amplo programa de valorização das manifestações culturais do meio rural em geral, citando os hábitos alimentares, músicas, cantorias, poesias, celebrações religiosas e festividades, como nos trechos da música: “A Liberdade da Terra não é assunto de lavradores/ A Liberdade da Terra é assunto de todos quantos se alimentam dos frutos da Terra” (Tierra, 2023).

No prefácio do livro “Armas, Flores e Amores - a luta que se faz poesia e a poesia que se faz luta” (Apiaim e Bilha, 2015), apresenta-se a poesia militante como um incentivo à luta. “É assim que estes poetas lavram a terra e as palavras; seus temas a vida lhes impõe”, diz o prefácio feito por João Wanderli Geraldi. No caso das poesias camponesas a terra é presença constante e mostra o quanto às letras se entrelaçam neste universo e florescem juntas em linguagem poética.

Nesta mesma intenção, a defesa por um projeto de educação comprometido com a Reforma Agrária e com os acampados e assentados, levou o MST e outros movimentos sociais e sindicais a se articularem, no final da década de 1990, em defesa de escolas públicas e comprometidas com o campo, surgindo a Educação do Campo, em oposição a educação rural, que apenas fazia adaptações em um sistema escolar que é urbano (Arroyo, 2007). Nos princípios defendidos, a escola deve refletir a vida, os interesses e as necessidades de desenvolvimento dos sujeitos e movimentos sociais relacionados à luta pela terra - sem terra, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, indígenas, entre outros - e não meramente reproduzir os valores do desenvolvimento urbano e da lógica rural capitalista.

Caldart (2008) afirma que as questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e o embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade estão na base das concepções de política pública, de educação e de formação humana da Educação do Campo. Este movimento se

apresenta como um processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo, gestado do ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações compreendendo este direito para todos e acontecendo transversalmente a luta pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar e ao território, com “um pé na escola e um pé na sociedade, nos espaços de organização dos trabalhadores” (Paludo, 2012, p. 286).

Para Frigotto (2012, p. 279), a Educação do Campo confronta a perspectiva restrita, colonizadora, extensionista, localista e particularista de educação e as concepções e métodos pedagógicos de natureza fragmentária e positivista de conhecimento, com “um processo educativo vinculado à luta por uma nova sociedade, articulando ciência, cultura, experiência e trabalho”. Freire (1967, p. 44) aponta a necessidade de uma permanente atitude crítica a partir das relações com a sua realidade para que não seja “dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele”, reforçando a opção pela educação progressista, de forma radical e amorosa, mas sem acomodação passiva. Ao defender a educação crítica e que leva a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço, Freire (1967) converge com os preceitos da Educação do Campo e a noção de território, como lugar de vida e lutas, onde exista uma “educação que possibilita ao homem a discussão corajosa de sua problemática”, sobressaindo a força da palavra como combustível para as lutas.

4. CONCLUSÕES

Na mensagem inicial da coletânea Cantares da Educação do Campo (2006), o setor de Educação do Movimento Sem Terra já dá o tom do quanto a temática das letras e da defesa da terra fazem parte da sua base política e organizacional: “Na colheita das espigas/ cantam homens e mulheres/Na riqueza dos saberes/ Em poemas e cantigas/ Foram muitas mãos amigas/ Para essa plantação/ no pulsar do coração/ sob a luz dos pirlampos [...]”

O MST não costuma iniciar nenhum dos seus atos sem antes ler uma poesia, cantar uma música, realizar uma mística. A terra vai além de espaço de produção, mas um lugar de vida, na qual o ser humano em sua integralidade faz parte. A alegria e o poder reflexivo dos versos ultrapassam as folhas dos livros, dos cadernos e das cartilhas e adentram no cerne daqueles que lutam muito além do que uma propriedade para si, mas por um mundo melhor, transformador e socialmente justo, onde os versos também fazem chamados: “E vamos lutar unidos/Contra esses atrevidos/Que nos atropelam da roça” (Pretto, 2002).

Ora, o poeta da terra lavra o sulco do lugar onde planta e também faz a espiral das letras, das leituras em um mundo em que não se separam, afinal os movimentos do arado e da caneta convergem no seu adentrar entre a superfície e a submersão no desconhecido, até porque a palavra é algo vivo, como a terra e as plantas o que nos leva a pensar na vontade de “pegar na semente da palavra” (Barros, 2010).

Como costumeiramente utilizamos as letras para falar da terra, apontamos ao mundo letrado um adentramento que é possível, até por uma decisão dos movimentos sociais camponeses de unirem estes universos. Como o agricultor usa a enxada para cavar a terra, usamos das letras para cavar o mundo do escrito e trazer para um lugar que ainda oprime e distancia, a essência do campesinato, que tão bem ilustra na literatura suas cantigas e poesias,

encerrando este resumo com Bogo (2002): “Vão condenar o que? Nossa vontade de lutar? Nosso destino de vencer? Ou nosso direito de sonhar?”

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _____. **Cantares da Educação do Campo**. Setor de Educação do MST, 2006.
- APIAIM, Adilson de; BILHA, Elemar Luciano Pereira. **Armas, flores e amores: a luta que se faz poesia e a poesia que se faz luta**. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas de formação de educadores(as) do campo**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- BARBOSA, Catarina. Massacre de Eldorado do Carajás completa 24 anos: "um dia para não esquecer". **Revista Brasil de Fato**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/17/massacre-de-eldorado-do-carajas-completa-24-anos-um-dia-para-nao-esquecer>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa - 1916**. São Paulo: Leya, 2010.
- BOGO, Ademar (org.). **Gerações: coletânea de poesias**. São Paulo: MST, 2002. (Caderno de Cultura, 1).
- CALDART, Roseli Salete. **Sobre educação do campo**. Brasília: Incra/MDA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Politécnica. *In*: CALDART, Roseli Salete *et al* (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- GASPAROTTO, Alessandra; TELÓ, Fabrício (org.). **História das lutas pela terra no Brasil: 1960-1980**. São Leopoldo: Oikos, 2021.
- MUNHOZ, Pedro. **Canção da terra**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pedro-munhoz/1264649/>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- PALUDO, Conceição. Educação Popular como resistência e emancipação humana. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, 2015.
- PETIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PINTO, Zé. Oziel está presente. *In*: BOGO, Ademar (org.). **Gerações: coletânea de poesias**. São Paulo: MST, 2002. (Caderno de Cultura, 1).
- PRETTO, Adão. Êxodo rural. *In*: BOGO, Ademar (org.). **Gerações: coletânea de poesias**. São Paulo: MST, 2002. (Caderno de Cultura, 1).
- STEDILLE, João Pedro. **A força da poesia**. *In* BOGO, Ademar (org.). **Gerações: coletânea de poesias**. São Paulo: MST, 2002.
- STEDILLE, João Pedro. Reforma agrária. *In*: CALDART, Roseli Salete *et al* (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- TIERRA, Pedro. **A fala da terra**. Disponível em: <https://www.femeh.com/exposição>. Acesso em: 22 fev. 2023.